

## Experimentações estéticas: o cuidado de si, do outro e do ambiente em que vivemos

Aesthetic trials: taking care of oneself, of the other and of the environment in which we live

Apropiaciones sociopoéticas: experimentaciones estéticas del cuidado sociopoetics

Cláudio Azevedo;<sup>1</sup> Augusto Luis de Medeiros Amaral<sup>2</sup>

### Como citar este artigo:

Azevedo C, Amaral ALM. Experimentações estéticas: o cuidado de si, do outro e do ambiente em que vivemos. Rev Fun Care Online. 2017 out/dez; 9(4):946-954. DOI: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2017.v9i4.946-954>

### RESUMO

**Objetivo:** Apresentar a pesquisa-intervenção desenvolvida pelos autores em forma de atividades artístico-pedagógicas, denominadas *experimentações estéticas*, analisando-as e seus efeitos enquanto conjunto prático-teórico voltado ao cuidado de si, do outro e do ambiente. **Métodos:** Construído a partir da experiência dos autores com práticas de pesquisa inspiradas nos estudos sobre as três ecologias e na metodologia sociopoética, sendo utilizada na análise a escrita presencial dos participantes durante as oficinas e as respostas deles às questões enviadas por *e-mail*. **Resultados:** Apontam para a superação dos medos internos e a descoberta das potencialidades pessoais para enfrentar desafios. A sensibilidade do olhar e o envolvimento com o outro como elemento fundamental no exercício de confiança das relações cotidianas. **Conclusão:** O processo de experimentação indica que existe uma potência do encontro, dos intercâmbios e da sensibilidade quando privilegiamos um conhecimento que se apreende com o corpo em movimento, relacionando-se com o outro e o mundo.

**Descritores:** Experimentações estéticas, Corpo, Intervenção socioambiental.

### ABSTRACT

**Objective:** To present intervention research developed by the authors in the form of artistic and educational activities, called aesthetic experiments, analyzing them and their effects as a practical-theoretical set directed themselves, each other and the environment. **Methods:** It was built from the authors' experience with research practices inspired by studies of The Three Ecologies and socialpoetics methodology, being used in the analysis face-to-face writing of the participants during the workshop and the answers to the questions sent by e-mail. **Results:** They point to the overcoming of inner fears and the discovery of personal potential to face challenges. The sensibility of the gaze and the involvement with the other as a fundamental element in the exercise of confidence in daily relationships. **Conclusion:** The

<sup>1</sup> Doutor e mestre em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (Furg), licenciado em Artes Visuais pela Furg e pós-doutor em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Professor nos cursos de Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPel. *E-mail:* <claudiohifi@yahoo.com.br>.

<sup>2</sup> Doutor em Educação Ambiental pela Furg, mestre em Educação Física pela UFPel e licenciado em Ciências Sociais pela UFPel. Bolsista recém-doutor junto ao Programa Nacional de Pós-Doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PNPD/Capes), atuando como pesquisador, professor colaborador e orientador no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Furg.

experimentation process indicates that there is a power of the meeting, the exchange and sensibility when we privilege knowledge that is learned with the body in motion, relating to the other and the world.

**Descriptors:** Aesthetic experiments, Body, Environmental intervention.

## RESUMEN

**Objetivo:** Presentar la investigación-intervención desarrollada por los autores en forma de actividades artísticas y educativas, llamadas experimentos estéticos, analizando los y a sus efectos enquanto un conjunto práctico-teórico dirigido al cuidado de sí, de los demás y de el medio ambiente. **Métodos:** Construido a partir de la experiencia de los autores con las prácticas de investigación inspirados en los estudios sobre los tres ecologías y en metodología Sociopoética, siendo utilizados en el análisis los registros por escrito de los participantes durante el taller y las respuestas a las preguntas enviadas por e-mail. **Resultados:** indica la superación de los miedos internos y el descubrimiento del potencial personal para enfrentar los desafíos. La sensibilidad del ojo y la implicación con el otro como un elemento fundamental en el ejercicio de la confianza de las relaciones cotidianas. **Conclusión:** El proceso de experimentación indica que hay una potencia de lo encuentro, de lo intercambio y de la sensibilidad cuándo es privilegiado un conocimiento que se aprende con el cuerpo en movimiento, en relación con los demás y el mundo.

**Descriptores:** Experimentos estéticos, Corpo, Intervención socioambiental.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa-intervenção inspirada na abordagem sociopoética,<sup>1-2</sup> um método em que, mais do que aplicar um procedimento, é preciso criar um caminho caminhando, enquanto o pesquisador abre-se ao inesperado e trilha algumas etapas rigorosamente definidas. Também são suportes da investigação os estudos sobre as três ecologias<sup>3</sup> e a análise institucional.<sup>4</sup> As abordagens são complementares e propõem processos de autogestão e autoanálise de grupos na produção de saberes compartilhados. O que será descrito a seguir são as etapas desenvolvidas em dois dias, com duração total aproximada de 12 horas, combinando prática e reflexões teóricas, bem como alguns dos desdobramentos das atividades realizadas junto ao grupo, formado pelos coordenadores, denominados facilitadores, e demais pessoas que participam das atividades por adesão voluntária.

Com o objetivo de atender à encomenda feita a partir das demandas dos agentes da instituição contratante, os autores, facilitadores do processo de intervenção socioambiental, organizam um conjunto de atividades intituladas *experimentações estéticas* – voltadas ao cuidado de si, do outro e do ambiente. Nestas atividades, desenvolvidas em forma de oficina no campo de intervenção,<sup>3</sup> são utilizados diversos recursos, entre eles destacamos: sala climatizada com piso adequado e bom isolamento acústico, aparelho de som, câmera de vídeo,

computador, quadro negro, colchonetes, folhas de papel A4, canetas, frutas e temperos diversos, cosméticos, recipientes com pedras de gelo e água quente.

## MÉTODOS

### Parte I – Técnica de relaxamento para o corpo e a produção de saberes

Após a organização espacial do ambiente em que acontece a intervenção, é feita uma breve roda de apresentação antes do começo da atividade de relaxamento. Por estarem abertos a tudo o que emerge do campo de análise,<sup>4</sup> os facilitadores procuram estar atentos às competências e habilidades relatadas nesta etapa, bem como nas conversas informais antes da oficina. No caso da imagem a seguir (figura 1), o alongamento corporal foi conduzido por um professor de Educação Física, participante da oficina convidado pelos facilitadores.

Figura 1 – Relaxamento conduzido por Flávio Alves, primeiro dia



Fonte: Acervo do grupo de pesquisa.

Os integrantes do grupo são orientados a não se apresentarem dizendo exclusivamente quem são, mas também manifestando quem desejariam vir a ser, ou seja, em quem gostariam de se transformar em um futuro próximo ou distante. Logo em seguida, são feitas algumas considerações, de cunho antropológico, sobre a importância de o ser humano transformar-se naquilo que ainda não é, reinventando-se em consonância com as demandas e os acontecimentos vividos. É solicitada uma reflexão mais aprofundada (meditar/silenciar), a fim de vasculhar os sentimentos mais íntimos, as vontades mais fortes, em busca da coragem, ousadia e impetuosidade de cada um, ou seja, de certas capacidades que acompanham o humano desde tempos remotos, permitindo que a espécie se perpetuasse até nossos dias.

Não se trata de ir em busca de estruturas psíquicas universais ou de compreender os fenômenos mentais a partir de um repositório de símbolos e significados, mas sim de se

<sup>3</sup> Campo de intervenção é o “perímetro que delimitará o espaço dentro do qual se planejarão e executarão estratégias, logísticas, táticas e técnicas que, por sua vez, deverão operar neste âmbito específico para transformá-lo de acordo com as metas propostas. Está em estreita dependência do campo de análise, desde o qual será compreendido, pensado. Só se intervém quando se compreende, sendo que posteriormente se compreende à medida que se intervém”<sup>75:140</sup>

<sup>4</sup> Por campo de análise compreende-se “o perímetro escolhido como objeto para aplicar o aparelho conceitual disponível destinado a entender o campo de intervenção (...). Este aparelho conceitual pode constituir-se de materiais teóricos muito heterogêneos, dependendo da sua eficiência para fazer a ‘leitura’ do campo de intervenção”<sup>75:139-140</sup>

abrir e permitir que o corpo seja atravessado por certas forças que acompanham o humano desde tempos imemorráveis, anteriores à história e à linguagem.

Enfim, é afirmado, já nos primeiros momentos das *experimentações estéticas*, que é preciso um desejo forte para acessar devires e desenvolver uma percepção mais sensível e cuidadosa com relação a nós mesmos (ecologia mental), os outros (ecologia social) e o mundo (ecologia ambiental) que nos cerca. A oficina é apresentada como um processo entrecruzado de sensações, emoções, sentimentos, percepções que se retroalimentam pelos processos de busca e trajetórias individuais do próprio grupo, no sentido de ampliar o conhecimento de si a partir da expansão da constelação de relações vividas por cada um, na medida em que se tramam naquele tempo-espço, enquanto os sentidos são acionados de maneira não habitual, a fim de que sejam experimentadas outras dimensões das relações humanas (consigo, o outro e o ambiente), privando a visão e utilizando os demais sentidos, na Parte I, e explorando outras formas de olhar, tocar, sentir e perceber, na Parte II.

Após a apresentação, é feita uma atividade de relaxamento com queima de incenso (*palo santo*)<sup>5</sup> e utilização de chocalhos<sup>6</sup> (um deles emite sons de água), enquanto são tocadas algumas músicas previamente definidas, entre as quais destacamos: Osho New Age – *Tibetan Meditation Bells*; Deva Premal – *The Essence*; e Yaël Naim – *Yashanti*, com sons de pássaros cantando, água correndo e outras sonoridades da natureza.

As *experimentações estéticas* funcionam como dispositivo, ao conjugarem recursos audiovisuais com técnicas utilizadas na sociopoética e na formação de atores. Têm como horizonte proporcionar o acesso a certas lembranças imemorráveis, desejos remotos, imagens em processo de formação (fantasmas), atualizando experiências vividas e despertando sensações inenarráveis.

Os dispositivos são analisadores, artificiais ou naturais, que promovem a problematização das questões socioambientais e fornecem pistas de como é possível lidar com tais questões. Quando inventados e implantados, podem-se “valer de qualquer recurso (procedimentos artísticos, políticos, dramáticos, científicos etc.), qualquer montagem que torne manifesto o jogo de forças, os desejos, interesses e fantasmas”:<sup>75:135</sup> Gilles Deleuze (2005) afirma que os dispositivos

têm por componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linha de subjetivação, linhas de brecha, de fissura, de fractura, que se entrecruzam e se misturam, acabando umas por dar noutras, ou suscitar outras, por meio de variações ou mesmo mutações de agenciamento.<sup>689</sup>

O dispositivo caminha na direção indicada por Deleuze (2005) quando se propõe que, com olhos vendados (ou fechados), cada um utiliza os demais sentidos para entrar

em contato com os materiais colocados em suas mãos pelos facilitadores. Na oficina da fotografia abaixo (figura 2), foram usadas conchas do mar, galhos de árvores, folhas secas, pedaços de madeira (uma úmida e outra seca), canela em pó, pedras de diversas formas, cravo em pó, bolsa térmica com água quente, pedras de gelo em um saco plástico, gengibre, batata-inglesa, berinjela, *kiwi* (descascado e com casca), maracujá (cortado ao meio), manga e banana maduras descascadas, mel em um copo plástico, temperos (orégano e alho granulado). E os seguintes produtos cosméticos: gel para cabelos (Indian Hemp/Hair e Scalp), esmalte de unhas (Impala Cremoso) e creme para as mãos (Avon Encanto e Avon Naturalis Erva-Doce).

**Figura 2** – Técnica dos sentidos, primeiro dia



Fonte: Acervo do grupo de pesquisa.

Na medida em que o participante experimenta tocar, cheirar, lamber estes materiais, é afetado por eles, pelas sensações que eles provocam – em cada um de forma única. São utilizadas músicas específicas na finalização da técnica dos sentidos, enquanto os facilitadores organizam a sala, recolhendo os materiais utilizados na etapa anterior, e os participantes permanecem com olhos fechados, limpando as mãos e ouvindo músicas celtas do álbum *Voyager*, de Mike Oldfield: *The Song Of The Sun*, *Celtic Rain*, entre outras.

A técnica dos sentidos tem a potencialidade de oferecer pistas do que pode estar impedindo ou dificultando o desejo de vir a ser, fornece elementos que permitem entrar em contato com desejos até então desconhecidos, indicando potências capazes de impulsionar o humano na direção dos seus próprios desejos. O encerramento da primeira parte é feito com uma despedida em que os participantes continuam em estado meditativo e retiram-se da sala em silêncio, sendo estimulados a entrar em contato emocional com o que é vivido durante a experimentação.

Enfim, os sociopoetas insistem na responsabilidade ética, política, noética e espiritual do grupo-pesquisador, em todo momento do processo de pesquisa, que não é propriedade dos pesquisadores “profissionais”, que não é somente voltado para o mundo acadêmico, e sim deve interferir com as necessidades e desejos dos grupos que

<sup>5</sup> O *palo santo*, também conhecido como incenso andino, é uma madeira aromática natural utilizada em rituais xamânicos como meio de proteção, purificação e limpeza espiritual.

<sup>6</sup> O chocalho consiste em um recipiente oco que contém pequenos objetos no seu interior. O som é produzido agitando o instrumento, de modo que os objetos internos choquem-se com as paredes internas.

acolhem as pesquisas. Essa última orientação favorece a desconstrução dos corpos assim como a emergência de desejos e devires imprevisíveis.<sup>1:05</sup>

A técnica pressupõe sair do mesmo lugar de sempre, mudar a posição, a vivência e as constelações do corpo, sentindo a vida de outra maneira e ampliando o conhecimento de si mesmo, em especial no que diz respeito aos limites e às potencialidades do humano.

O desafio<sup>7</sup> é reinventar-se experimentando outras formas de se relacionar com o fora, captando a realidade exterior por meio de sentidos pouco utilizados no cotidiano, acreditando em intuições, acessando devires, expressando-se tal como se sente, agindo e pensando com o corpo inteiro, colocando-se em situação não normal (com relação às normalidades instituídas), vivendo desequilíbrios provisórios e sucessivas reequilibrações, lidando com acontecimentos inesperados. Enfim, arriscando-se para além dos lugares seguros e confortáveis.

## Parte II – Olhar, videografar, sentir, conversar...

Lentamente vai emergindo no pensamento humano a ideia de que a ética não se estende somente à espécie humana, como abarca também o mundo animal. Desta forma, podemos chegar a dizer que a ética é o respeito a toda vida.<sup>8:88</sup>

A partir do conceito de ética com respeito à existência como um todo, trabalhamos a ideia de *cuidado* com as diferentes formas e expressões de vida, e, como isso, pretendemos contribuir com a constituição de um humano menos alienado de si, do outro e dos ambientes em que habita e por onde seu corpo se desloca.

Para aprofundar essa perspectiva, exibimos alguns vídeos, entre eles podemos citar *Atrevete*<sup>7</sup> e *Elephant Gun*,<sup>8</sup> promovendo uma discussão sobre as impressões de cada um acerca dos audiovisuais. Gradualmente são elencados (figura 3) uma série de devires que podem ser acionados pelos vídeos apresentados, como, por exemplo: devir-criança, devir-louco, devir-mar, devir-fora, devir-animal etc. Enfim, as diversas possibilidades de um devir-outro.

Figura 3 – Dispositivo audiovisual, segundo dia



Fonte: Acervo do grupo de pesquisa.

Trata-se de um dispositivo de produção de subjetividade múltiplo, que opera por meio do acionamento direto dos sentidos (táteis, olfativos, degustativos etc.) e por intermédio dos efeitos produzidos em quem assiste e problematiza os audiovisuais, capaz de ativar dimensões emocionais, afetivas, imaginativas e intuitivas do humano, para além do entendimento racional, promovendo outras formas de perceber a realidade enquanto são geradas ondas de instabilidade e os sentidos são aguçados.

Um dispositivo artístico-pedagógico que coloca em dúvida ambientes que obstaculizam o encontro dos corpos, que reduzem o tato, o contato e a interação entre os outros e destes com o espaço, ressignificando ambientes a partir de outros pressupostos, de forma a intensificar potências e desejos, vontades e aspirações, enquanto os participantes das oficinas experimentam outros modos de sentir, perceber e se relacionar.

Em todas as escalas individuais e coletivas, naquilo que concerne tanto à vida cotidiana quanto à reinvenção da democracia – no registro do urbanismo, da criação artística, do esporte etc. – trata-se, a cada vez, de se debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma re-significação individual e/ou coletiva, ao invés de ir no sentido de uma usinagem pela mídia, sinônimo de desolação e desespero. (...) A ecosofia social consistirá, portanto, em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho etc. (...) A questão será literalmente reconstruir o conjunto das modalidades do ser-em-grupo. E não somente pelas intervenções “comunicacionais” mas também por mutações existenciais que dizem respeito à essência da subjetividade. Nesse domínio, não nos ateríamos às recomendações gerais mas faríamos funcionar práticas efetivas de experimentação tanto nos níveis microssociais quanto em escalas institucionais maiores. A ecosofia mental, por sua vez, será levada a reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o fantasma, com o tempo que passa, com os “mistérios” da vida e da morte.<sup>3:15-16</sup>

<sup>7</sup> Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=xk-xI\\_nY2Co](http://www.youtube.com/watch?v=xk-xI_nY2Co)>. Acesso em: 13 maio 2011.

<sup>8</sup> Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=SWSz\\_PAFgNc](http://www.youtube.com/watch?v=SWSz_PAFgNc)>. Acesso em: 13 maio 2011.

Os vídeos procuram suscitar um devir-outro e enunciam distintas formas de relação. Desde a comunhão dançante entre os elefantes-humanos, no caso de *Elephant Gun*, citado anteriormente, extrapolando a relação comum de dominação para uma de interação afetiva entre humanos e animais, até o medo diante das circunstâncias novas e difíceis em *Atravete*, que é convertido em atrevimento para enfrentá-las, ampliando a problematização em torno da importância da invenção de novas maneiras de se relacionar consigo mesmo e com o mundo, na medida em que se acessa um devir-animal.

Como recurso metodológico da pesquisa, enviamos um *e-mail* aos participantes após a oficina solicitando que façam um breve relato sobre as possíveis contribuições da intervenção, a fim de detectar como reverberam em suas vidas os audiovisuais e as demais atividades desenvolvidas. Atendendo ao nosso pedido, em *e-mail*<sup>9</sup> enviado no dia 24 de dezembro de 2014, destacamos um deles, em que o desejo de se desafiar e aprender a lidar com situações inusitadas que ampliem territórios existenciais aparece como força ativa potencialmente capaz de promover a busca de outros modos de viver e se relacionar.

A oficina me auxiliou a descobrir o que são meus medos internos, minhas vaidades e preocupações, fez refletir sobre o que já conquistei em minha vida e como fiz para conquistar, assim como, o que ainda não conquistei e porque ainda não cheguei lá!!! Visualizei meus desafios e minhas potencialidades, pude refletir e me conhecer melhor. (...) Eu nasci com asas... Para desbravar novos caminhos, potencializando os que me rodeiam, minha família e me tornando alguém que é capaz de enfrentar novos desafios constantes para atingir novas metas de felicidade! Estas foram algumas de minhas respostas que encontrei... mas preciso lembrar de cuidar mais de mim e aprender a cada dia a dizer não, pensando em minha família, na minha vida e o que ainda quero e posso conquistar para também me realizar como pessoa e como profissional, auxiliando novos seres humanos, crianças, famílias, amigos e outros seres que ainda vou conhecer e esbarrar por esta vida! Esta acredito ser minha missão... pois vou conseguir ser uma articuladora musical, que metaforicamente, além de mostrar que ainda é uma vontade interna que tenho de verdade de aprender a tocar instrumento musical, preciso me tornar mais política, articulando novos projetos de trabalho e de vida!!! (Anotações extraídas do Diário de Campo)

Em outro *e-mail* enviado em resposta às nossas questões sobre as contribuições da oficina, como resultado que se desdobra a partir da intervenção socioambiental, o participante relata que as *experimentações estéticas* lhe forneceram pistas sobre o que gostaria de se transformar e realizar em um futuro próximo, ajudando-o nos seguintes aspectos:

acreditar em mim mesmo, experimentar o novo/ser o novo, vivenciar sem medo ultrapassando obstáculos, sentir vontade de mudar, avaliar o que já foi realizado, refletir sobre as mudanças de perspectiva. Lembro que falei sobre ser músico, já consegui o violão, mas atrasei o projeto por “culpa” de vocês [referindo-se aos coordenadores da oficina], após nossa conversa decidi tentar o mestrado profissional e estou estudando pra seleção em fevereiro. (Anotações extraídas do Diário de Campo)

As respostas dos participantes indicam que temos muito a aprender com crianças e animais, como encorajam os vídeos *Atravete* e *Elephant Gun* mencionados anteriormente. Suscitam a importância de nos expressarmos de acordo com sentimentos e emoções, de confiarmos nas intuições, na beleza de acontecimentos inesperados e pequenas surpresas, de acreditarmos na vida e valorizar cada encontro, cada detalhe, cada momento vivido. O objetivo é desenvolver maneiras de acessar um devir-outro, criando possibilidades imaginativas que permitam entrar em contato com as necessidades e vontades mais profundas do humano.

A perspectiva da outridade (ou alteridade) e do diferente por vezes distancia em vez de aproximar, mas basta envolver-se um pouco mais para descobrir com um mundo novo, novas perspectivas, outras maneiras de lidar com os mesmos problemas, outras relações ético-estéticas<sup>3</sup> e possibilidades de desenvolvimento humano em um sentido mais amplo.

### Parte III – Trabalhando técnicas de um olhar cuidador

A partir do exercício de percepção dos diferentes devires com base nos vídeos apresentados, seguimos para a experimentação de outras técnicas com o grupo. Inicialmente, as técnicas para o exercício do olhar cuidador são realizadas fora da sala, de preferência em contato com a natureza, a partir da divisão do grupo em duplas. Uma pessoa da dupla fica de olhos vendados (ou fechados) e a outra a conduz em silêncio (figura 4). A dupla caminha pelo espaço aberto, ao ar livre, no caso da imagem a seguir nas adjacências do prédio onde acontece a oficina. Depois as duplas trocam de posição, ou seja, quem está de olhos vendados passa a conduzir e quem conduz passa a ser conduzido. Este exercício visa trabalhar a relação de confiança no parceiro e o cuidado deste para com quem ele conduz; afinal, logo após será ele o conduzido.

<sup>9</sup> No *e-mail* enviado aos participantes da oficina, “Experimentações estéticas de cuidado”, foi feito o seguinte questionamento: “Para que possamos aprofundar a análise das nossas intervenções, solicitamos que (...) nos enviem um breve relato sobre as possíveis contribuições da oficina em suas vidas. Para isto, gostaríamos que fossem respondidas as seguintes perguntas e enviadas para o nosso *e-mail*: 1) Que pistas a oficina forneceu sobre o que pode impulsionar você a se transformar naquilo que gostaria de se transformar num futuro próximo ou distante? 2) Que pistas a oficina forneceu sobre o que pode estar impedindo/dificultando você de ir ao encontro de seus desejos e vontades?”

**Figura 4** – Duplas, segundo dia



Fonte: Acervo do grupo de pesquisa.

Em seguida os participantes confeccionaram canudos com folhas de papel tamanho A4 (figura 5). Todos caminham pelo espaço guiados apenas pela visão de um dos olhos por meio do canudo, pois o outro olho permanece fechado. A técnica proporciona um estreitamento da visão na medida em que o campo de visualização é restrito pelo “canudinho”. Essa limitação pode, paradoxalmente, ampliar o olhar, que visualizará um recorte com riqueza de detalhes do ambiente observado.

**Figura 5** – “Canudinho”, segundo dia



Fonte: Acervo do grupo de pesquisa.

A partir do uso destas técnicas, podemos constatar que “esse olhar demonstra que algo novo foi acrescido com essa experiência. Uma estética que brota de um recorte, de um novo que surge com a limitação do olhar e que, paradoxalmente, amplia esse olhar (...)”<sup>9:59</sup> Ainda que alguns relatem o desconforto imposto pela restrição do olhar, é fato

que tal condição amplifica a atenção aos pormenores do espaço, fazendo com que os participantes ajam com mais cuidado e interesse diante do que está acontecendo.

Esta técnica, que chegou a nós por intermédio do professor Alfredo Guillermo Martin Gentini,<sup>10</sup> inspira-se em uma discussão proposta por Félix Guattari acerca do “coeficiente de transversalidade”. Ele sugere o seguinte:

coloquemos num campo fechado cavalos com viseiras reguláveis e digamos que o “coeficiente de transversalidade” será justamente esta regulagem das viseiras. Imaginemos que a partir do momento em que os cavalos estiverem completamente cegos, um certo tipo de encontro traumático vai se produzir. À medida que formos abrindo as viseiras, pode-se imaginar que a circulação se realizará de maneira mais harmoniosa.<sup>10:96</sup>

Por isso, começamos a experimentação com olhos vendados, em duplas; assim, regulamos essa abertura dos olhos de modo que o coeficiente será a anulação da condição fisiológica de ver. A seguir, o “canudinho” de papel torna-se a regulagem para uma visão mais estreita, porém de maior alcance da profundidade de campo, promovendo uma alteração das distâncias, mexendo com o olhar entre o que está perto e o que está longe.

Os olhos fechados e o “canudinho” funcionam como essa viseira para os cavalos e são capazes de produzir o mesmo “coeficiente de transversalidade” de que nos diz Guattari. Essa transversalidade “é uma dimensão que pretende superar os dois impasses, o de uma pura verticalidade e o de uma simples horizontalidade”<sup>10:96</sup> Ou seja, a transversalidade promove algo oposto a uma estrutura vertical de hierarquias e de uma horizontal na qual “as coisas e as pessoas ajustam-se como podem na situação em que se encontram”<sup>10:96</sup> A transversalização propiciará uma desacomodação de nossa perspectiva e uma desestruturação hierárquica que possibilita a interação rizomática.

Ao final do experimento, solicita-se que cada participante escreva um breve relato sobre cada uma das duas situações vivenciadas. Ao conduzir e ser conduzido, são comuns os relatos sobre o vínculo e a relação de confiança que se estabelece com o outro. Quanto a estar olhando por meio do canudo de papel, comenta-se sobre a dificuldade de enxergar e a angústia sentida durante a atividade, em função da desacomodação na perspectiva do olhar. Porém, nesse processo de transversalização surgem aqueles que descrevem a oportunidade de olhar “detalhes e riquezas das coisas e seus movimentos” ou de “conhecer aos poucos, devagarzinho, pode ser mais intenso do que olhar o mundo todo de uma vez” ou de ver “objetos em longa distância também produz o aguçamento dos sentidos, principalmente da audição. São os barulhos que evitam choques entre as pessoas, sendo necessário ter uma maior

<sup>10</sup> Alfredo Guillermo Martin Gentini é professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Tem graduação em Licenciatura em Psicologia pela Universidad Católica Nuestra Señora de La Asunción, Paraguai, e pós-doutorado em Ciências da Educação pela Université de Paris VIII, França.

movimentação circular para o deslocamento” (Anotações extraídas do Diário de Campo).

Assim, promovemos uma atividade que busca atingir novas dimensões do ver, sentir e perceber, outros “coeficientes de transversalização”, na medida em que provocamos certa desestruturação hierárquica dos sentidos e proporcionamos aos participantes que experimentem outras possibilidades de se relacionarem consigo mesmos, os outros e o ambiente em que estão inseridos.

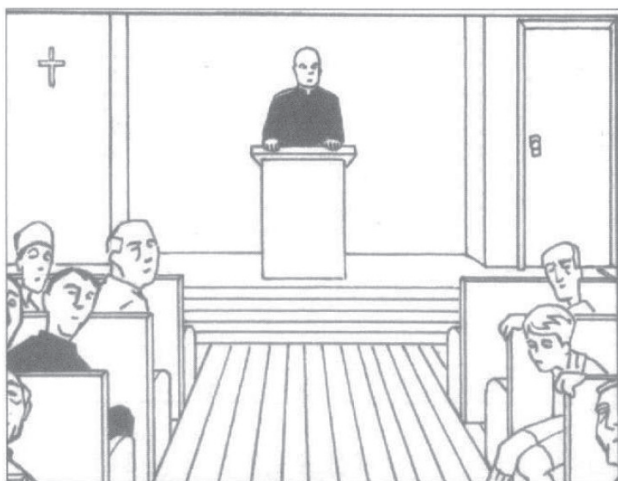
## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### O vídeo-fórum – discutindo as relações

Como última atividade proposta, são convidados três voluntários entre os participantes para apresentar um pequeno esquete teatral. Essa proposta é desenvolvida utilizando a técnica do vídeo-fórum<sup>11</sup> e será descrita a seguir.

A fim de exemplificar a proposta, supomos que a oficina seja direcionada a um grupo da área da Saúde, sendo que, na dramatização, um atuará como enfermeiro, outro como técnico em enfermagem e um terceiro participante como paciente. Consiste em explorar o uso da câmera subjetiva (figura 6). Entretanto, o olhar em questão não é o da enfermeira ou da técnica em enfermagem, mas sim o do paciente. Câmera subjetiva é “quando o espectador ou o ator tem o ponto de vista da câmera, ou se move no lugar dela. Muito utilizada em cenas de deslocamento do ator, em que a câmera na mão do operador assume o ponto de vista do ator em movimento”<sup>12,33</sup>. Não é preciso discutir profundamente a técnica audiovisual, ela vai sendo desvelada ao longo do experimento. Apenas falamos brevemente com os participantes sobre a câmera subjetiva e sua função, antes da atividade começar.

Figura 6 – Câmera subjetiva



Fonte: O Cinema e a Produção de Chris Rodrigues, 2002.

A atividade tem aproximações com o Teatro do Oprimido,<sup>13</sup> de Augusto Boal, como, por exemplo, as técnicas de teatro-fórum e teatro-imagem, colocando em xeque algumas das relações de poder que se estabelecem no cotidiano

e cristalizam-se no tecido social, problematizando-as a partir da relação oprimido-opressor.

Na proposta de encenar algum acontecimento habitual no dia a dia, no caso do contexto hospitalar, os participantes aproximaram-se bastante do teatro-fórum.<sup>14</sup> No entanto, em nossa técnica, trata-se de um híbrido, na medida em que conjugamos teatro-fórum e teatro-imagem com vídeo. Nesse experimento, o público não interage ocupando o lugar dos “atores” em cena, como ocorre no Teatro do Oprimido – o que pode acontecer em outras intervenções socioambientais que promovemos. A interação entre o vídeo e o público dá-se após a encenação, quando o grupo assiste o material audiovisual gravado durante a dramatização. No instante da experimentação, a ideia é explorar o uso do vídeo para verificar a rigidez de determinados papéis e comportamentos estereotipados nas relações reproduzidas no ambiente hospitalar entre equipe de saúde e pacientes.

A atividade possibilita que, no primeiro momento, os três voluntários conversem rapidamente, em separado, sobre o que irão propor para a improvisação que será apresentada aos colegas de oficina. A seguir, iniciam a encenação (figura 7).

Figura 7 – Vídeo-fórum, segundo dia



Fonte: Acervo do grupo de pesquisa.

A técnica preconiza que os facilitadores fiquem atentos aos diálogos desenvolvidos até perceberem uma situação clara de opressão, envolvendo repetição automática de condutas e clichês, o que não deve ultrapassar 5 minutos. Nesse momento, é dito *stop!*

Logo após, cada um dos voluntários comenta a experimentação, e, depois, o grupo assiste ao vídeo filmado. Nesse momento, acontece um processo espelhado não só das imagens e sons, mas das posturas cronificadas e de certos chavões que inevitavelmente aparecem neste tipo de atividade.

A *experimentação estética*, com o objetivo de impulsionar determinadas transformações em curso na vida de cada participante, é pautada na produção de imagens cotidianas e na análise/autoanálise delas. Procura estimular a improvisação e a autogestão no andamento das falas e

discussões em torno do que os voluntários conceberam e encenaram.

As imagens gravadas na câmera subjetiva mostram o olhar do voluntário que ficou sentado, na condição de paciente, em uma cadeira em frente a uma parede branca, contextualizando a atmosfera hospitalar. Os outros voluntários posicionaram-se à sua frente, em pé (ver figura 7). A paciente olhava para a enfermeira e para a técnica em enfermagem por meio do visor de LCD da câmera, enquanto elas procuravam olhar diretamente em seus olhos, porém por meio da lente da câmera.

A partir daí, orientamos o voluntário que fez o papel de paciente sobre como acionar o modo de gravação da câmera e de como pará-la. Feito isto, estamos preparados para começar a gravação. Como na direção de um filme, lembrando a função do diretor, um dos facilitadores diz: *ação!* A história passa a ser contada a partir do olhar subjetivo de quem foi a paciente.

O vídeo produzido pelo grupo não pode durar mais do que 10 minutos e é desejável que suscite o aprofundamento em torno da problematização das relações humanas estabelecidas no ambiente hospitalar, neste exemplo.

Alguns participantes, após assistir o vídeo na perspectiva da paciente, comentam sobre a visão deste em relação à equipe de enfermagem. Um olhar de baixo para cima, o que chamamos em audiovisual de câmera baixa. É quando a câmera está captando um olhar de baixo para cima, quando se trata de narrar relações, essas imagens tendem a conotar inferioridade e opressão de quem aparece na cena.

Durante nossa conversa sobre a experiência, diversos participantes do IV Fórum dos Mestrados Profissionais em Enfermagem (Niterói/RJ), onde aconteceu esta oficina, relatam que aquilo que viram as colegas reproduzirem é o que presenciam cotidianamente no ambiente hospitalar. Trata-se de um tipo de relação frequente entre a equipe de saúde e os pacientes. São discussões que ocorrem entre a equipe chegando, às vezes, a acontecerem na frente do próprio paciente, sem que se tenha o devido cuidado para com aquele que precisa de atenção especial em função de sua vulnerabilidade.

O processo possibilitou um espelhamento dos estereótipos das relações instituídas, desvelando e trazendo para o consciente as formas de produção de subjetividades enunciadas no cotidiano. Com este experimento, desenvolvemos uma intervenção por meio do processo de educação do olhar, um olhar mais ético e atento à importância de relações humanas pautadas no cuidado.

## CONCLUSÕES

### Acionando devires e transitando nos entrelugares

O processo de experimentação indica que existe uma potência do encontro, das relações humanas, das trocas e intercâmbios, da sensibilidade, quando conseguimos potencializar diversas formas de expressão e privilegiamos fontes não conscientes de aprendizado – um conhecimento que se apreende com o corpo em movimento, relacionando-se

com o outro e o mundo, buscando alternativas, ousando, criando soluções.

Nossa pesquisa-intervenção procura colocar em dúvida certos papéis instituídos e verdades irrefutáveis criadas nos espaços institucionais, que passam a ser entendidas como naturais, como se “sempre fossem e sempre serão assim”. Nestes espaços planejamos e executamos nossas estratégias, logísticas, táticas e técnicas, e as respostas dos participantes, tanto durante as oficinas quanto nas questões enviadas por *e-mail*, vêm indicando a efetividade das *experimentações estéticas*, na medida em que emerge um campo de problematização capaz de suscitar interferências com potencialidade transformadora nos ambientes investigados.

Para conceber o campo de intervenção como o próprio objeto da pesquisa, temos aprendido a lidar com a desestabilização de nossas próprias convicções, sem abrir mão de um tipo de atenção multifocada capaz de acolher imprevistos e proliferar intensidades. Isso vem nos permitindo descobrir o que ainda não sabemos. Trata-se de um tipo de análise implicada, que permite compreender nossos diversos envolvimento na pesquisa enquanto alternamos as posições de sujeitos e objetos da pesquisa, colocando em questão os postulados de objetividade, neutralidade e imparcialidade que balizam a ciência clássica.

O vai e vem entre prática e reflexão teórica, entre o que acontece dentro e fora do espaço fechado da sala de aula, entre forma e o que está em processo de formação, entre o natural e o criado artificialmente pelo humano, indica a existência de potenciais inventivos nos entrelugares.

O acesso a certas lembranças remotas, imagens em constituição (espectros), desejos longínquos, processos de significação, atualizações e sensações inenarráveis, sinaliza a importância dos devires no que diz respeito às mudanças de percepção e atitude diante da realidade.

A intervenção procurou manter-se fiel às discontinuidades e perturbações do processo que se desdobra no campo de intervenção, colocando estes vetores no fluxo dos acontecimentos, procurando incluir variadas expressões e reflexões em torno de uma experimentação artístico-pedagógica grupal. Difundi-la enquanto prática de cuidado de si, dos outros e do mundo é uma maneira de qualificar as relações humanas e contribuir com o aprofundamento das questões ligadas ao desenvolvimento pessoal e coletivo.

O desenvolvimento de dispositivos como este, que nesta pesquisa envolve a técnica dos sentidos, a problematização em torno dos audiovisuais, a técnica do olhar cuidador e o vídeo-fórum, tem nos feito acreditar que aqueles que passam pelo processo de experimentação vivem certos estranhamentos e desconfortos, não porque estejam rompendo com seus próprios eixos, mas porque se desalinham com relação ao grande eixo que faz girar toda a parafernália social.

As *experimentações estéticas* fazem-nos pensar em uma ética da permanente reinvenção de si e do mundo, propondo que o humano seja capaz de fazer uma busca na tentativa de se transformar no ambiente em que seu corpo está inserido. Instiga-nos a pesquisar certas possibilidades de intercâmbio



com o meio que sejam abertas aos devires: devir-água, devir-vegetal, devir-animal, devir-inumano; esse não é um processo passivo em absoluto, pois o humano sempre se transforma transformando.

O trabalho realizado nas oficinas mostra que isso é possível quando os sentidos são aguçados e o corpo transforma a si mesmo – gerando ondas de instabilidade e intensificações, quando põe em desordem certa ordem estabelecida e denuncia a incompatibilidade da *sociedade de controle*-,<sup>15</sup> com as potências e múltiplas possibilidades do corpo humano.

A intervenção socioambiental coloca em evidência a importância de aprendermos a lidar com nossas forças e fragilidades, de trabalhar cooperativamente, de lidar criativamente com opressões, de sentirmos e percebermos a vida a partir de outros ângulos e perspectivas.

Durante os processos desenvolvidos no campo de intervenção são vivenciados momentos que nos permitiram aprender mais um pouco sobre a força das emoções, ímpetos e sensações. Momentos importantes porque acionam o corpo, colocando-o em ação, criando condições de possibilidade para que manifeste suas capacidades sensíveis e estéticas.

## REFERÊNCIAS

1. Gauthier J. Sociopoética: o livro do iniciante e do orientador. [S.l.]: Edição Eletrônica; 2009.
2. Gauthier J. O oco do vento: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais. Curitiba: Editora CRV; 2012.
3. Guattari F. As três ecologias. 4. ed. Campinas: Papirus; 1990.
4. Lourau R. Análise institucional e práticas de pesquisa. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 1993.
5. Barenblitt G. Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Instituto Félix Guattari; 2012.
6. Deleuze G. O mistério de Ariana. 2. ed. Lisboa: Veja; 2005.
7. Amaral ALM. Teatralidade humana: estudos sobre a relação corpo-ambiente em um processo cartográfico na Educação Ambiental. Tese [Doutorado em Educação Ambiental] – Universidade Federal do Rio Grande; 2013.
8. Vilaró CP. Albert Schweitzer en el reino de los Galoas. Montevideo: Artes gráficas integradas SRL; 1996.
9. Bemfica VTS, Azevedo CT. A educação estética ambiental do olhar e do escutar: do estranhamento à criação. Revista Brasileira de Educação Ambiental – REVB EA 2012 jul; 7(1):50-62.
10. Guattari F. Revolução molecular: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Editora Brasiliense; 1985.
11. Azevedo CT. Por uma Educação Ambiental Biorrizomática: cartografando devires e clinamens através de processos de criação e poéticas audiovisuais. Tese [Doutorado em Educação Ambiental] – Universidade Federal do Rio Grande; 2013.
12. Rodrigues C. O cinema e a produção. Rio de Janeiro: DP&A; 2002.
13. Boal A. Teatro do Oprimido e outras poéticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1988.
14. Boal A. Stop: C'est Magique! Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1980.
15. Deleuze G. Conversações. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34; 1992

Recebido em: 29/05/2015

Revisões requeridas: Não houve

Aprovado em: 04/08/2015

Publicado em: 25/10/2017

**Autor responsável pela correspondência:**

Cláudio Azevedo

Rua Ana Pernigotti, 438A

Bairro Bolaxa, Rio Grande

CEP: 96217-010

E-mail: <claudiohifi@yahoo.com.br>